

Por que uma escola criativa?

João Henrique Suanno *

Resumo

Este breve ensaio tem o objetivo de expor ideias e reflexões a respeito pergunta título desse texto: Por que uma escola criativa? O próprio estilo reserva a flexibilidade na organização das ideias expostas, pois se trata de defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre a temática das Escolas Criativas, a qual tenho o prazer de investigar e me relacionar com experiências criativas variadas e diversas umas das outras, num movimento de reencantar o ensino e, conseqüentemente, reencantar a aprendizagem. Temos o aporte teórico de autores como Ilya Prigogine, Edgar Morin, Maria Cândida Moraes, João Henrique Suanno, Carl Rogers, Marilza Vanessa Rosa Suanno, Basarab Nicolescu, Lindalva Pessoni Santos, Zygmunt Bauman, Marilda Aparecida Behrens, Carlos Rodrigues Brandão, Maria José de Pinho e vários outros que consubstanciam as elocubrações aqui colocadas. Não há a intenção aqui de comprovação do que foi dito, mas de incitar novas reflexões a partir do tema que suscita, na atualidade, uma ideia de transformação da educação, a partir, nesse caso, da transformação da escola como desenvolvedora do seu próprio potencial criativo, assim como de seus alunos. Assim, para iniciar esse diálogo, procuro responder à diversas perguntas que se me surgem sobre a pergunta inicial. E assim se segue...

Palavras-chave: Escola Criativa. Transformação da Educação. Autonomia Criativa. Ecologia da Ação. Reencantar a Educação. Transdisciplinaridade.

Why a creative school?

Abstract

This short essay aims to present ideas and reflections on title question of this paper: Why a creative school? The very style reserve flexibility in the organization of the ideas, because it is the defense of a personal and subjective point of view on the subject of Creative Schools, which I am pleased to investigate and relate to various creative experiences and different from each other, a movement of re-enchant instructions and consequently re-enchant learning. We have the theoretical contribution of authors such as Ilya Prigogine, Edgar Morin, Maria Cândida Mo-

* Doutor em Educação pela Universidade Católica de Brasília - UCB/DF. Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona - UB/ES. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO. Psicólogo - PUC/GO. Psicopedagogo - PUC/GO. Professor titular da Universidade Estadual de Goiás. Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - MIELT/UEG. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC. Membro do Grupo de Pesquisa Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - ECO-TRANSD/CNPq. E-mail: suanno@uol.com.br.

raes, João Henrique Suanno, Carl Rogers, Basarab Nicolescu and several others who embody the lucubrations placed here. There is no intention here of evidence of what was said, but to incite further reflections from the subject generates, today, an idea of transformation of education, as in this case, the transformation of the school as a developer of its own potential creative, as well as their students. So to start this dialogue, I try to answer the many questions that arise me about the original question. And so follows...

Keywords: Creative School. Transformation of Education. Creative Autonomy. Ecology of Action. Awaken Education. Transdisciplinarity.

Introdução

Por que uma escola criativa? Porque precisamos de uma escola que não perpetue o modelo tradicional de ensino que está estampado ainda hoje, que motive os professores a ministrar as suas aulas com autonomia criativa, que inspire seus alunos a serem pessoas melhores, a se superarem e que os motive a estudarem com desejo de aprender um conteúdo sobre e para a vida, que trabalhe para além das disciplinas e perceba a relação do humano com todas as áreas da esfera educacional, social, ecológica e planetária, que atenda às necessidades de formação de um cidadão transformador de sua realidade, que nos dê um sabor de querer não interromper o processo de aprendizagem iniciado por alunos e professores e que dê vontade de retornar à ela para ver amigos, professores e aprender mais, que religue saberes ao invés de dicotomizá-los, que promova a circularidade de conhecimentos fugindo da linearidade não relacional, que amplie os olhares para os motivos multidimensionais e utilize da multirreferencialidade para analisar e avaliar fatos e experiências, que ensine a seus alunos a ecológizarem suas ações, seus pensamentos e os ambientes em que se relaciona com outros humanos, que trabalhe com os princípios transdisciplinares, que reintroduza o sujeito cognoscente em seu processo de construção do seu conhecimento, que tenha professores que ensinem a criatividade aos alunos como algo acessível à todos, cada um ao seu modo, que entenda que a diferença entre as pessoas é um componente que embeleza as relações com surpresas e alegrias, que ajude seus alunos a enfrentar com coragem as adversidades que se apresentam na vida de toda pessoa, que religue a vida com o sentir-pensar-agir.

Uma escola, assim como qualquer outra instituição, órgão ou entidade social não é senão as pessoas que a compõem, e daí poderemos nos remeter ao princípio hologramático, um dos princípios organizadores do pensamento complexo, organizados por Morin (2011), onde essa escola pode ser mais ou menos que a soma dos potenciais das pessoas que nela trabalham. Uma escola criativa, por assim dizer, é aquela onde as

peessoas que nela trabalham conseguem ir além dos seus limites e do que se propõem, quando se aliam às potencialidades dos colegas que juntos trabalham e elaboram projetos, ações, intervenções pedagógicas para além do que fariam sozinhos e quem sai ganhando com isso? Os alunos? Não só, mas toda a comunidade escolar e do entorno social que nela frequentam e dela participam, porém os alunos, como alvo principal do objetivo do ensino, com a intenção de que construam as suas aprendizagens de modo transformador de suas pessoas para serem melhores e se superarem a cada dia, esses tem o maior ganho.

Porque precisamos de uma escola que não perpetue o modelo tradicional de ensino que está estampado ainda hoje?

A história nos mostra como as mudanças ocorrem com o tempo, e com elas as pessoas e os processos de leitura e compreensão da realidade, assim como a ciência nos descerra, a todo o momento, novas formas de enfrentamento das intempéries que se nos descortinam à nossa frente. Com a educação é exatamente a mesma coisa! A sociedade de hoje necessita de uma maneira de ser educada que possibilite o engajamento de toda pessoa ao ecossistema que está posto e que se altera ininterruptamente. A atualização dos processos de ensinagem, as preocupações com os processos de aprendizagem dos alunos, cada um com seu modo de apreender as diversas realidades se lhes são apresentadas, precisam também de atualização e sentido próprios ao tempo histórico e evolutivo ao qual pertencem. Assim como Pimenta (2013) nos salienta que,

Quais seriam as novas funções da escola? Penso que chegaremos a estas não 'jogando fora' a escola existente mas penetrando nela, ressignificando seu papel diante das demandas que estão colocadas pela sociedade. Num movimento de análise do que está acontecendo, a partir da nossa experiência e saber acumulados, penso que poderemos gestar novas alternativas para a organização e o funcionamento das escolas e das políticas para elas. (p. 98)

Assim como há que se proceder com a ressignificação da escola que atenda às demandas do século XXI, não cabe mais no nosso sistema educativo um modelo de ensino que não leve em consideração as individualidades de cada aluno no seu processo de construção do seu conhecimento. Ou que não entenda que a única uniformização que existe é das diferenças pessoais que temos em relação à todas as pessoas. Assim, o que nos assemelha é a nossa diferença. O objeto do ensino está

muito além dos conteúdos e da disciplina, embora sempre perpassasse por eles, algo que está também entre e no meio do processo de ensinagem, o humano. Por todas essas questões colocadas, e que serão dialogadas daqui para frente nesse texto, é estampada a necessidade de mudança paradigmática no que acreditamos que seja o papel da escola, o que ela pode e o que dela é esperado por uma sociedade planetária pertencente ao século XXI.

Não se trata de mais tarefas para a escola, ou para os professores, trata-se de uma mudança de referencial, de postura, de atitude da convivência, do autorizar-se a fazer a diferença na vida de outras pessoas com as quais nos relacionamos, intencionando a autonomia, a liberdade, o respeito, a acreditar-se em si mesmo, a serem criativos e inovadores, a saberem buscar solução para os diversos problemas que se nos aparecem o tempo todo. Não me ausento da preocupação que a mudança de atitude vai mais além, também, de pensar a escola e as metodologias de ensino, ou atitudes dos professores em relação aos seus alunos. Para Tardif e Lessard (2005), tensões e conflitos surgem de diferentes pontos e contribuem para o dilema do professor no seu ato de ensinar e nas suas relações estabelecidas dentro da escola e com sua concepção de ensino, tais como:

Autonomia e controle na realização da atividade docente, burocratização e indeterminação da tarefa, generalidade dos objetivos educativos e rigidez dos programas e recursos didáticos, universalidade do mandato e individualidade dos alunos, rotina das tarefas e imprevisibilidade dos contextos de ação, relações profissionais com os alunos, acompanhadas de um grande investimento afetivo e pessoal. (p. 45)

É claro que esses conflitos perpassam as políticas públicas que facilitam e complicam a efetivação de implementos na educação e práticas pedagógicas consubstanciadas em formações continuadas, melhorias de salários e incentivos ao exercício docente, onde a primeira se encontra nas outras e vice versa.

Porém, evidencio que aquele momento em que entramos em sala de aula e, quando estamos em contato com nossos alunos, não nos lembramos do valor do pagamento ou das mazelas que se nos acercam, dos empecilhos em que nos colocam o tempo todo pela gestão escolar, nem todas o fazem, mas que existem, existem. No ato do trabalho, na lida diária com o aluno, as relações face a face nos conduzem para outros níveis de realidade, somos, naquele momento, para quem se entrega aos apelos de saber dos alunos, ao desejo de contribuir para a construção de pessoas melhores, quando a intencionalidade é de humanizar mais o humano que ali está, ou tentamos

ser, os melhores professores que esses alunos já tiveram, e eles podem ter tido e possuírem vários. É a entrega ao fazer docente, fazer-se docente, fazer-se doce-ente, fazer-se doce-pessoa.

Porque precisamos de uma escola que motive os professores a ministrar as suas aulas com autonomia criativa?

Pessoas com liberdade criativa são especiais! São pessoas que acreditam em si mesmas, que possuem coragem o bastante para tentarem o intentado e de se resolverem bem com seus erros aproveitando-os para planejar os acertos, às vezes por outras rotas, ou nas novas descobertas que esses erros proporcionam. Há pessoas que apostam na sua criatividade e se alegram com as nossas possibilidades de enxergar o mundo de outra forma, assim como apostam em suas capacidades de inovar o que existe e de criar o novo. Pessoas com liberdade criativa arriscam novas metodologias de processos e seus produtos, aqui pensados em ações pedagógicas, assombram positivamente os que os cercam e, ao mesmo tempo, os motivam a assim o serem também, participantes da construção de um processo de construções de novas formas de ensinar e de aprender.

Imaginem professores assim, com prazer em o serem e em fazer-se docente a cada dia. Imaginem professores inconformados com a repetição dos processos e que proponham novas metodologias, novas abordagens de ensinagem dos mesmos conteúdos, novos olhares para ler o mundo e a inquietação em conversar com seus alunos sobre o que pensou, o que encontrou e como refletiu. Imaginem professores que possuam a liberdade de pensar processos diferenciados, com apoio da gestão (direção e coordenação), dos pais de seus alunos que os tem como aliados e com os alunos, principais participantes desse processo, em torno dos quais toda a roda gira, principais ganhadores da liberdade criativa do professor, visto que também terão momentos de desenvolvimento de suas criatividade.

Os alunos, ao perceberem seus professores confiantes no exercício de sua plena criatividade no ato de ensinar, também se sentirão confiantes em acreditar em seu próprio potencial criativo, acessível a cada aluno de modo individual e único. Aprenderão que não se pode comparar individualidades em suas diferenças e que isso, na verdade, assemelha e aproxima. Pimenta (2013) ressalta que,

compete à escola atuar, dentro de sua especificidade, na redução das desigualdades escolares. Partindo da diversidade dos alunos entre si e em rela-

ção ao contexto social, deve estabelecer metas para que todos se elevem nos resultados qualitativos ao saírem da escola. (p. 99)

Valorizar o outro diverso de si é reconhecer a necessidade da existência conjunta e do saber com-viver com respeito e harmonia.

Porque precisamos de uma escola que inspire seus alunos a serem pessoas melhores, a se superarem e que os motive a estudarem com desejo de aprender um conteúdo sobre e para a vida?

A escola não trabalha somente o legado histórico e científico da humanidade. A partir do momento em que são pessoas envolvidas em relações interpessoais que acontecem entremeio ao processo de ensino e ao processo de aprendizagem, há emoção! Seja com o que, ou com quem, estejamos nos relacionando, o estamos fazendo carregados de emoção. E com a emoção, as virtudes, os valores, os sentimentos e sentidos subjetivos das memórias carregadas de lembranças de acontecimentos positivos ou negativos vividos no passado que nunca se resolve sozinho. Precisamos de uma escola que ajude seus alunos a conviverem com suas emoções e sentimentos. Que ajude seus alunos a encararem seus medos de forma a tentar superá-los. Que os ensine a superar seus pensamentos negativos, ou mesmo macabros, e sentir que possui livre arbítrio para resolver o que fazer e, ao mesmo tempo, entender que é de sua responsabilidade suportar as consequências de seus atos.

Uma pessoa que se desafia e que, ao mesmo tempo, tem liberdade criativa, procura se superar a cada momento e em cada situação em que precisa tomar decisões sobre como proceder em cada momento de sua vida. Cidadãos que foram alunos de uma escola criativa, que valorize o erro como parte do processo da aprendizagem, que investe na formação humana de cada aluno, que percebe seus alunos como pessoas em processo de construção de seus seres e sentidos pessoais, sociais, globais, humanitários e planetários, estão ensinando conteúdos da vida para a vida. Realizar discussões políticas, econômicas e culturais, favorecer a participação e o engajamento em causas sociais públicas, ajudar os alunos a se perceberem com a importância que têm nos processos que influenciam, nem que sutilmente, é favorecer uma aprendizagem infinitamente para além dos conteúdos disciplinares, é respeitar a formação integral do indivíduo contribuindo com seu natural jeito de ser transdisciplinar, desde seu nascimento, e que o perdemos ao longo de tanto processo disjuntivo e dicotomizador da educação tradicional.

O conteúdo sobre a vida para a vida é contextualizado, possui sentido e significado, tem valor subjetivo e se coaduna com o que o indivíduo percebe e sente com o que vive. De acordo com Brandão (2015),

Existimos em um mundo de reciprocidades de gestos e de significados portadores de símbolos que tornam significativamente culturais os nossos próprios espaços e cenários naturais. Pois o próprio “mundo natural” em que nós nos vemos vivendo é, para nós e entre nós, uma natureza experimentada com um fenômeno existente dentro e através de uma cultura. Aquilo que transforma em comunicações intersubjetivas as experiências vividas e inter-vividas neles. (p. 167)

Assim, o desafio de superar-se tem também outro sentido e significado, pois se torna fonte de automotivação pessoal, e o interesse se torna intrínseco. A partir do momento em que cada aluno, aqui pessoa, não precisa mais de motivadores extrínsecos, e passa a seguir seu conjunto de valores, ideias e ideais, construídos com base na preocupação com o outro enquanto semelhante e que merece as mesmas coisas que ele, podemos dizer que se tornaram boas pessoas, e que a vida fica melhor com elas por perto.

Porque precisamos de uma escola que ensine a seus alunos a ecologizarem suas ações, seus pensamentos e os ambientes em que se relaciona com outros humanos?

Superar a si mesmo, conhecer suas falhas, seus medos, suas fraquezas, encarando-as de frente e buscando estratégias interiores, de pensamento e de ações é buscar ecologizar-se. Isso significa em cuidar do ambiente interno de cada ser a partir de ações deflagradas desse ser para com ele mesmo. Quando dizemos ecologizar, queremos dizer sim em ecologia, mas longe de ser um termo estagnado para somente o ambiente da natureza e proteção aos animais, mas refere-se também à todo ambiente onde o sujeito habita, nos ambientes que podemos dizer, do olho para fora, ou seja, todo o ambiente exterior ao indivíduo, e o ambiente, que podemos dizer, do olho para dentro, onde se encontram os pensamentos, as fantasias, os desejos, os temores e as experiências passadas boas ou más. Para Moraes (2008),

para ecologizar pensamentos e saberes é preciso romper com o velho dogma reducionista de explicação da realidade e do conhecimento, para que possamos perceber a complexidade das relações existentes entre as partes

e o todo, já que os sistemas complexos se entrecruzam ao mesmo tempo em que se auto-eco-organizam e se auto-eco-reorganizam em sua dinâmica operacional, a partir de movimentos diacrônicos e sincrônicos auto-organizadores. (p. 20)

Para transformar um ambiente externo, onde habitam as outras pessoas, a natureza e seus componentes, há que se cuidar e preparar primeiro o ambiente interno, e isso é uma luta solitária que cada indivíduo enfrenta consigo mesmo, desde que haja a intencionalidade de fazê-lo e de querer superar-se para melhor. Isso é buscar um sentido de coerência entre o que se pensa, o que se sente e como se age, o que Rogers (2012) chama de congruência. Dessa forma a incongruência gera uma tensão desequilibradora do indivíduo, gerando ansiedade ou um estado de confusão na interpretação da realidade.

Dessa maneira, um indivíduo que percebe a inevitável necessidade de se relacionar constantemente com outras pessoas, e que essas relações podem ser melhoradas a cada nova tentativa, procura preparar-se para tal. Faz tentativas sinceras de congruência, mas sabe que a incongruência é uma realidade dentro de cada um, e que superar-se é uma luta diária, sem fantasia de se alcançar um lugar onde ela não aconteça. Encarar esse desafio como diário é encarar a realidade e perceber-se como falíveis, mas passíveis de compreensão por parte de si mesmos, principalmente. Encarar as adversidades, externas e internas a si mesmo, e enfrenta-las com coragem, é uma ação que a escola pode ajudar seus alunos a desenvolverem, quando ensina que os principais desafios que precisam ser vencidos, são eles mesmos e seus pensamentos negativos.

Porque precisamos de uma escola que trabalhe para além das disciplinas e perceba a relação do humano com todas as áreas da esfera educacional, social, ecológica e planetária?

Ir além da disciplina é trabalhar transdisciplinarmente! E mais, é estar entre e no meio da disciplina, reconhecendo-se, o professor como humano, assim como o aluno, como tal. E mais, reconhecer o humano que existe no outro, nos assemelha e nos aproxima. Reconhecer que o sujeito é sempre o foco de toda atividade e razão primeira e última de toda ação pedagógica. De acordo com Suanno, MVR (2014),

Nesse contexto, a transdisciplinaridade busca romper com as fronteiras disciplinares com o intuito de superar a fragmentação do conhecimento e

construir uma compreensão que organize hologramática e sistematicamente o objeto de investigação ou o objeto de estudo. Para tal promove migração e articulação de conceitos e metodologias de diferentes áreas do conhecimento. (p. 103)

A primeira coisa que merece ser trabalhada quando um professor inicia seus trabalhos com uma turma, é a semelhança humana entre as pessoas em início de relação. Estabelecido esse reconhecimento e esse vínculo, as outras relações serão estabelecidas de modo natural e espontâneo. Ao se iniciar, desta forma, uma turma, a preocupação é que entendam, em primeiro lugar o que os aproxima e, com isso, a facilidade de aproximação da figura do professor e, conseqüentemente, a autorização de ocupação do lugar daquele que está ali para ensinar e os alunos no lugar de quem estão abertos a aprender com ele.

Alcançar esse lugar que é, ao mesmo tempo, conquistado e concedido, é o início do processo de ensinagem e do processo de aprendizagem. Conquistado porque depende da postura do professor, como ele chega, se apresenta e se aproxima. As informações, como são colocadas, são de extrema importância nesse momento, pois elas possibilitam a identificação positiva ou negativa entre aquele que ali está para ensinar e aqueles que ali estão para aprender. Concedido porque não basta o professor querer adquirir esse lugar, pois não depende dele, somente, mas são os alunos que o colocam nesse lugar, um lugar de confiança, da admiração, daquele que está autorizado a ali estar e ser escutado por seus alunos.

Ao se dizer em trabalho transdisciplinar, fala-se também, implícita e explicitamente, em disciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade. Essa é uma característica da transdisciplinaridade. Ao se falar da disciplinaridade, estamos nos referindo ao conhecimento específico e profundo que toda pessoa que se propõe a trabalhar determinado conteúdo deve possuir para transitar com facilidade entre as diversas proposições que esta traz. Não há como negar, então, a disciplinaridade ao se trabalhar com a transdisciplinaridade. Quando falamos de interdisciplinaridade, falamos do conhecimento amplo que o professor deve possuir não só da sua disciplina, mas as outras que têm referências de contato, de semelhanças e de diferenças, e se sente liberto para utilizar de outros procedimentos de outras áreas na sua, expandindo a disciplina e ampliando o olhar para outras áreas que não só a sua. E, ao se falar de multidisciplinaridade, falamos de religação de saberes, analisando uma realidade sob o olhar de várias disciplinas a um só tempo. Assim como nos diz Nicolescu (2015), “a abordagem multidisciplinar expande fronteiras, mas seu propósito permanece restrito

ao âmbito da pesquisa”. A transdisciplinaridade não nega, nem exclui, essas outras concepções de trabalho, mas sim as inclui e as percebe, para uma forma de trabalho integral, complementarmente.

Porque precisamos de uma escola que atenda às necessidades de formação de um cidadão transformador de sua realidade?

Quando pensamos em formar um cidadão crítico e participativo na comunidade em que vive, estamos dizendo de uma pessoa que se inquieta com as adversidades e as enfrenta, superando-as, seja para si mesmo ou para uma comunidade, estamos dizendo de uma pessoa transformadora de realidades. Aquele que melhora a qualidade de sua vida, das condições em que vive com a sua família, que pensa em sua comunidade de bairro, em seu país, ou mesmo na melhora da condição de sobrevivência do seu planeta, alvo de tantas agressões como poluentes, agrotóxicos, guerras e intrigas nacionais e internacionais, é uma pessoa que tem seu potencial criativo desenvolvido e está envolto em um pensamento e ação de alteridade e empatia com a situação da auto-eco-organização planetária. Para Batalloso Navas (2015), uma escola criativa

é aquela que concebe o desenvolvimento da criatividade com algo que vai muito além dos mecanismos de processamento de informação e de habilidades cognitivas, aos quais as escolas tradicionais nos acostumaram. [...] Hoje, mais do que nunca, necessitamos de uma escola criativa capaz de se instalar nos espaços psicológicos geradores de fluxo, produtores de bem-estar e dessa espacial sensação de felicidade presente em qualquer processo de autorrealização, ou da realização daquilo para o qual estamos espacialmente preparados e com o qual chegamos a ser nós mesmos. (p. 124)

Uma pessoa assim não se preocupa somente consigo e com a sua realidade, vai mais além, se preocupa com a qualidade de vida daqueles que o cercam, seja próximo a si concretamente, ou próximo de si como semelhante humano, esteja em qualquer outro lugar do planeta, não o outro conhecido, mas o outro sentido em seu bem estar como comum habitante. Essa pessoa pensa que transformando a realidade do outro, transforma também a sua. A qualidade de vida da sua comunidade global o motiva a impetrar ações que atinjam esse objetivo. Entende que sua ação pode ser pequena, mas em um contexto global, é importante e imensa.

A realidade que precisa ser mudada é a realidade atual do mundo em que vive-

mos e, para isso, precisamos de pessoas que queiram se transformar, transformando, automaticamente, as diversas realidades em que vive, convive e atua como personagem de sua própria história e da história de outrem. Na escola, o aprender a conviver com a diversidade e com as adversidades, nos aproxima na maneira de entender e interceder com cada pessoa que passa por nós, possuidoras, não das mesmas angústias, mas de angústias que se assemelham no desejo de superação de cada uma delas e na expectativa de sermos pessoas melhores.

Porque precisamos de uma escola que nos dê um sabor de querer não interromper o processo de aprendizagem iniciado por alunos e professores?

Temos visto que a metodologia que a escola utiliza, há anos, não está cativando o aluno a permanecer dentro de seu ambiente, afastando o desejo de aprender utilizando de metodologias que se repetem há anos e que valorizam o método, o conteúdo, a nota, o comportamento, mas não iluminam o olhar do aluno com o brilho do olhar do professor entusiasmado permanente pelo que faz e que se alegra com as descobertas de seus alunos. Temos muitos tipos de aprendizagem, ensaio e erro, repetição, condicionamento, compreensão e, em um momento ou outro, utilizamos de cada uma delas, sem descartar nenhuma, com a intenção de que a aprendizagem ocorra. Todas elas como processo para se chegar à compreensão. Segundo Suanno, Suanno e Torre (2014),

escolas criativas valorizam e reconhecem os potenciais explícitos ou implícitos dos alunos, professores, familiares dos alunos, comunidade. Valoriza-se as pessoas e reconhecem que são e o que sabem até então, para assim seguir aprendendo. (p. 25)

Aprendizagem sem sentido, sem significado, sem eco e sem ressonância interna em cada aluno não favorece transformações de pensamento e ações, nem religação de saberes, primeiro distantes, mas aproximados e percebidos em sua complementaridade. Assim como o professor motivador da aprendizagem, temos professores desmotivadores, mas que não sabem que o são e pensam estar fazendo justamente o oposto do que fazem, embotar a aprendizagem de seus alunos. Todos somos modelos, modelos a serem seguidos, perpetuados, ou modelos a não serem seguidos, exemplos de ações que não queremos para nós enquanto pessoas. Todos nos ensinam, mas algumas vezes os processos são mais dolorosos e angustiantes.

Gosto de falar que temos dois tipos de angústias, uma que nos traz uma sensação ruim de aperto no peito e a impressão de algo de errado está por acontecer, uma intuição. Outro tipo de angústia é aquela que nos tira do lugar em que estamos para ir atrás do conhecimento que sentimos que nos falta. É a energia que nos faz sair à procura, que nos motiva a agir e buscar aquilo que nos abraça a dor da falta, a dor da ausência do conhecimento. Essa é uma boa angústia! A tarefa dos professores, e porque não da escola, é justamente angustiar seus alunos para que sintam a dor da ausência do conhecimento e que queira buscar, desenvolvendo a sua autonomia, os conteúdos que amenizem a sua curiosidade, em um processo ininterrupto e agradável. Assim como os alunos, os professores também assim deveriam o ser. Angustiados para a sua própria aprendizagem, buscando amainar suas angústias com conquistas de novos saberes. Professores assim motivam os alunos a querer não interromper seus processos de aprendizagem, e conseqüentemente, a escola também o fará.

Porque precisamos de uma escola que religue saberes ao invés de dicotomizá-los?

A pedagogia tradicional, com ênfase nos métodos, nos instrumentos, na avaliação, nas notas e que sentia que o fracasso escolar era exclusivamente responsabilidade do aluno, não valorizava a conquista de sentido do que era aprendido. Conforme nos dia Morin (2011),

o ensino que parte de disciplinas separadas em lugar de alimentar-se delas para tratar os grandes problemas, mata a curiosidade natural de todas as consciências juvenis que estão se abrindo e se perguntam: que é o conhecimento pertinente? o que é o homem? a vida? a sociedade?, o mundo? (p. 148)

O saber era, e ainda se faz em muitas escolas, dicotomizado, ou seja, separado do contexto, com sentido de unicidade e de completude consigo mesmo, parecendo que a sua existência na disciplina era independente dos outros conteúdos e que os capítulos do livro didático eram separados por muralhas que distanciavam a complementaridade entre eles. Isso acontece, acontecia, oxalá, não só dentro de uma disciplina, mas também entre as disciplinas, que não conversavam entre si e, mais dramático, competiam para serem, cada uma, mais importante do que a outra.

Uma escola que religa saberes religa conteúdos, disciplinas, professores, alunos, vidas, experiências e sentidos. Aproxima as pessoas que trabalham com conteúdos,

aparentemente, distantes, mas que fazem o esforço de encontrar o sentido da proximidade, da semelhança e da complementaridade. Dialogam na busca de um trabalho que possa ajudar seus alunos a aprenderem que tudo está ligado e religado, e que os significados dados à unicidade ampliam-se à multiplicidade que o todo nos proporciona. A religação de saberes nos leva a pensar no princípio hologramático, onde a parte está representada no todo e o todo tem cada uma de suas partes para além das competências individuais, mas como resultado que vai além, ou aquém, do que podem resolver juntas.

A dicotomização é a manutenção do saber disjuntivo, sem sentido e sem contexto. Isolado de uma compreensão social, afetiva, cosmológica, ecológica, científica e espiritual. Creio que não é esse o sentido que queremos para a educação. Queremos uma escola que nos faça refletir nos conteúdos aprendidos, que vejamos a nossa face e que nos reconheçamos entremeio a esses conteúdos. Aqui nos recorremos a David Paul Ausubel, quando nos traz o termo Aprendizagem Significativa e nos insere na tela como pintores e retratados, um vendo o outro, se sentindo produtor de seu próprio conhecimento.

Porque precisamos de uma escola que promova a circularidade de conhecimentos?

A religação de saberes não acontece senão por meio da circularidade do conhecimento. Circular é favorecer o contato, é contar, é socializar, é divulgar, é contar para os outros o prazer de ter aprendido algo e o quanto foi bom ter tido essa experiência. Uma escola que promove a circularidade propõe momentos de troca de saberes, conversas entre alunos, professores, funcionários, gestores e pais. Para Pessoni Santos e Suanno (2015),

O professor requer uma sensibilidade aguçada para perceber as necessidades, os interesses e especificidades dos educandos, para proporcionar uma prática educativa investigativa e exploratória como meio para (re)significar as experiências vividas, viabilizando a efetivação da aprendizagem. A meta do trabalho pedagógico consiste, portanto, na busca do desenvolvimento da autonomia do educando, o conhecimento de si, do outro e do mundo, a criação e a partilha de significados de elementos culturais e devem emergir de situações desafiadoras e envolvente. (p. 136)

Uns reconhecem a importância dos outros no processo de construção do conhecimento de seus alunos e filhos. Confiam na importância que cada um possui nesse

processo. Refletem sobre as diversas compreensões sobre os fatos, e podem reconhecer no diverso, a semelhança da diferença dessas compreensões.

Circular o conhecimento é proporcionar que os alunos possam contar sobre o que aprendeu para outras pessoas visitando lugares, fazendo feiras de ciência, trocas com outras séries, apresentações diversas na própria escola ou fora dela. Expressar o prazer que tiveram em aprender cativa olhares e, quem sabe, desperta a angústia de querer aprender mais em colegas e vizinhos. Assim, os próprios alunos, seja em sala de aula ou fora dela, podem macerar o que aprendeu, relacionar com outros conteúdos, ampliar o que sabe, continuando assim a religação de saberes, seus com os outros e com os seus próprios.

Porque precisamos de uma escola que amplie os olhares para os motivos multidimensionais e utilize da multirreferencialidade para analisar e avaliar fatos e experiências fugindo da linearidade não relacional?

Um fato reserva, para que seja compreendido, tantas interpretações quantas forem as pessoas que se detiverem a analisá-lo. E ainda assim, poderão ser ainda mais, quando os envolvidos nessas interpretações tiverem variadas percepções. A multidimensionalidade refere-se à multiplicidade de aspectos que devem ser considerados a fim de se buscar essa compreensão. E a multirreferencialidade refere-se à análise plural, ou seja, diferentes ângulos que permitam uma ampliação do olhar sobre um fenômeno, assim como Ardoino (1998) nos alerta que

no lugar de buscar um sistema explicativo unitário [...] as ciências humanas necessitam de explicações, ou de olhares, ou de óticas, de perspectivas plúrais para dar conta um pouco melhor, ou um pouco menos mal, da complexidade dos objetos. (p. 04)

O olhar multidimensional inicia-se a partir da compreensão do indivíduo como uma pessoa multidimensional. Aquele que se percebe dicotomizado, não pode ampliar o olhar multifacetado para sua existência e para o mundo no qual habita e transforma. De acordo com Antunes de Sá (2013),

A escola é um locus no qual se manifestam as tensões e as contradições iminentes e pertinentes ao homem e à sociedade. A organização escolar será sempre um espaço de contradições, antagonismos e complementaridades por é humana (multidimensional). (p. 126)

Dessa forma, a escola, ao proporcionar a aproximação entre as diferentes disciplinas, religando saberes, amplia o olhar do aluno para que perceba que o que parece estanque, pronto e acabado os conteúdos apresentados nessas disciplinas, continua em expansão e crescimento, ainda vive e se avalia o tempo todo, num constante fluir de interação entre o homem e seus interesses que, ao mesmo tempo que transforma a ciência, é transformado por ela.

A linearidade não relacional, ao contrário da circularidade, da multidimensionalidade e da multirreferencialidade, segundo Prigogine (1997), impede a geração das diferenças entre as diversas fontes de onde surgem os fatos, impedindo a comunicação e apresentando-se como singular, o que é, naturalmente, relacional. Desta forma, a escola, quando assim age, contribui para que o aluno possa perceber-se como também como ser multirreferencial, se vendo, ele mesmo como um fenômeno em constante transformação, uno, mas inserido no múltiplo e percebendo este dentro dele, como parte integrante do seu ser. Como ser multidimensional, não dicotomizado, mas íntegro e integral, inteiro, religado ao mundo ao qual pertence, em contínua expansão de experiências e desenvolvimento constante do fluir de interações e compreensões. Como ser circular e relacional, singular no uno, mas múltiplo na sua existência.

Enfim, precisamos de uma escola que se reorganize autopoieticamente como corpo vivente dentro do sistema social-planetário em que está inserida. Uma escola engajada como parte e como todo, hologramaticamente, sendo gerada e geradora, inspirada e inspiradora, cativante e cativadora dos olhares e atenções, respeitada e respeitadora. Quem sabe reconhecida como elemento primordial de formação de consciências pessoais, sociais, ecológicas e planetárias...

Referências

ANTUNES DE SÁ, R. *O projeto Político-Pedagógico da Escola: diálogos com a complexidade*. In: SUANNO, João Henrique; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa & SANTOS, Akiko. *Didática e Formação de Professores: complexidade e transdisciplinaridade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ARDOINO, J. *A formação do educador e a perspectiva multirreferencial*. Minicurso ministrado na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, de 15 a 16 de outubro. São Carlos: Mimeo, 1998.

BATALLOSO NAVAS, J. M. *A Escola Criativa e Transdisciplinar do Futuro*. In: MORAES, Maria Cândida & BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. (Orgs.) *Transdisciplinaridade, Criatividade e Educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos*. Campinas, SP: Papirus, 2015.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BEHRENS, M. A. & ENS, R. T. (Orgs.) *Complexidade e Transdisciplinaridade: novas perspectivas teóricas e práticas para a formação de professores*. Curitiba: Appris, 2015.

BRANDÃO, C. R. *Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*. São Paulo: Cortez, 2015.

MORAES, M. C. *Ecologia dos Saberes*. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

MORAES, M. C. & BATALLOSO NAVAS, J. M. (Orgs.) *Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente*. Rio de Janeiro: WAK Ed., 2010.

MORIN, E. *La Via: para el futuro de la humanidad*. Barcelona – España: Paidós, 2011.

NICOLESCU, B. *Como podemos entrar em diálogo? Metodologia transdisciplinar do diálogo entre pessoas, culturas e espiritualidades*. Revista Inter-Legere - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, n.16, jan./jun. de 2015. p. 31-46, ISSN: 1982-1662. Natal-RN: UFRN, 2015.

PIMENTA, S. G. *Políticas Públicas, Diretrizes e Necessidades da Educação Básica e Formação de Professores*. In: SUANNO, M. V. R.; LIBÂNEO, J. C. & LIMONTA, S. V. *Qualidade da Escola Pública: políticas educacionais, didática e formação de professores*. Goiânia: CEPD Publicações; Gráfica e Editora América: Kelps, 2013.

PRIGOGINE, I. *O Fim das Certezas*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

ROGERS, C. *Tornar-se Pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SUANNO, J. H. S.; SUANNO, M. V. R. & PINHO, M. J. de. (Orgs.) *Complexidade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Educação Superior*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2014.

SUANNO, J. H.; SUANNO, M. V. R. & TORRE, S. de L. *Rede Internacional de Escolas Criativas*. In: SUANNO, J. H. S. ; SUANNO, M. V. R. & PINHO, M. J. de. (Orgs.) *Formação de Professores e Interdisciplinaridade: diálogo investigativo em construção*. Goiânia: América, 2014.

SUANNO, M. V. R. Em Busca da Compreensão do Conceito de Transdisciplinaridade. In: SUANNO, J. H. S. & MORAES, M. C. (Orgs.) *O Pensar Complexo na Educação: Sustentabilidade, Transdisciplinaridade e Criatividade*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014.

SUANNO, M. V. R. & SANTOS, L. P. *Escola Sustentável e Feira de Ciências: reflexões e ações em torno da fabricação de sabão artesanal*. In: SUANNO, J. H.; SUANNO, M. V. R. & PINHO, M. J. de. (Orgs.) *Projetos Criativos na Práticas Pedagógica: cantar e encantar a aprendizagem*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015.

TARDIF, M. & LESSARD, C. *O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Recebido em: 01 abril 2016.

Aceito em: 10 abril 2016.